



Júlia Pirillo Nicida

CURSO – ECONOMIA/USP

“Opções não faltam, é um campo muito amplo”

Júlia Pirillo Nicida vai se formar neste ano em Economia na FEA USP. Nesta entrevista ela mostra diversos aspectos do profissional de Economia – fala de sua experiência, estágios, participações e perspectivas.

JC – Hoje você está no último ano de Economia na USP. Quando você estava no 3º ano do Ensino Médio, em quais vestibulares você foi aprovada?

Júlia – Fui aprovada na Fuvest e na FGV.

Você chegou a ficar em dúvida entre a FEA e a FGV?

A aprovação da FGV saiu primeiro, e decidi que caso não passasse na Fuvest, iria fazer um ano de FGV. Mas assim que saiu a aprovação da Fuvest, tive certeza que iria para a USP.

Como foi o seu início na FEA?

Foi muito legal, as pessoas são diferentes, as aulas são diferentes, temos contato com o pessoal que já é veterano, há novas oportunidades, muitas vivências. Foi uma experiência muito intensa.

Você participou de alguma atividade extracurricular que a FEA oferece?

No 1º ano entrei em duas entidades, a Bandeira Científica e a FEA Social. A Bandeira Científica surgiu na Medicina, e a

cada ano eles selecionam uma região com alguma carência em relação à infraestrutura e montam postos de atendimento, junto com o pessoal da Fisioterapia, Odontologia, etc. A FEA Social faz consultoria e incubação para ONGs, negócios sociais e eventos. No 2º ano eu me tornei diretora da área de eventos, o que foi uma grande oportunidade, me desenvolvi muito. No 3º ano fui conselheira fiscal, que é um cargo um pouco mais administrativo.

Como foram os seus estágios?

No final do 2º ano comecei meu primeiro estágio, na Macrosector Consultores. Durou cerca de seis meses. Era bem típico de economista, tinha uma parte de coleta de dados importantes, como preços de mercadorias, inflação, desemprego, que são divulgados pelo IBGE, Caged ou pelo jornal *Valor Econômico*. A gente precisa coletar esses dados para ter tudo registrado. Além disso, tem a parte das análises, a gente coleta e faz gráficos, monitoramentos, de acordo com o que os clientes pedem.

ENTREVISTA

Carreira – Economia

1

CONTO

Pequetita – Artur Azevedo

3

ESPECIAL 1

Alunos do Colégio Etapa são premiados na OBQJr 2020

4

ESPECIAL 2

Alunos são premiados no Torneio Virtual de Química 2020

5

POIS É, POESIA

Luiz Gama

5

ARTIGO

Experimento usa a luz para manipular e alterar átomos e moléculas

6

ESPECIAL 3

Alunas do Etapa conquistam medalhas de bronze na EGMO 2021

8

Também fazia alguns relatórios de pesquisa de mercado. Na metade do ano seguinte fiz um intercâmbio acadêmico na Europa. Fui para a Áustria, para uma cidade que se chama Graz, que é a segunda maior cidade do país, mas é muito pequena.

Você foi para qual universidade?

Fui para a FH Joanneum University of Applied Sciences.

Quando surgiu o interesse pelo intercâmbio?

Desde a época do Etapa eu tinha interesse. Conheci o Etapa Internacional, mas nunca quis fazer uma graduação inteira no exterior, apenas passar um tempo morando fora, e o intercâmbio é a oportunidade perfeita. Se você for aprovado não precisa pagar nada, apenas a moradia.

Como era o curso que você fez na Áustria?

Não era uma graduação em Economia, era um curso chamado Global Business, muito atrelado a temáticas de negociações internacionais e práticas de Administração. Foi muito legal, porque as aulas abordavam temas que eu não tinha estudado na FEA, agregou muito.

Como é o processo de seleção para o intercâmbio?

Em fevereiro a gente demonstra interesse, com o resultado do edital saindo em abril, maio. A FEA indica e as faculdades aprovam, não precisa passar por nenhum processo com a universidade europeia. A FEA utiliza um sistema de notas, a gente demonstra interesse em algumas faculdades e quem tiver a maior nota vai ter prioridade para escolher a faculdade.

Você voltou da Áustria em fevereiro de 2020, chegou a ter aulas presenciais na FEA nesse retorno?

Tive cerca de duas semanas de aula e depois já passou para o EaD. A FEA conseguiu se adaptar muito bem. A maioria dos alunos acabou gostando, porque na FEA é típico o pessoal começar a trabalhar muito cedo, e é muito cansativa essa rotina de faculdade e trabalho.

Como tem sido, após o seu retorno, em relação a estágio?

Cheguei a fazer algumas entrevistas de estágio enquanto estava na Áustria, então quando ainda estava lá já tinha sido aceita em um estágio e voltei com tudo assinado.

Onde foi esse estágio?

Em uma escola de negócios, a Fundação Dom Cabral. Eles têm vários cursos de MBA, cursos para executivos, vários centros de pesquisa. Eu trabalhava no núcleo que estuda a alta liderança, a parte de CEO e dos conselhos.

Quanto tempo você ficou nesse estágio?

Cerca de 1 ano. Saí em janeiro para começar o meu estágio atual em fevereiro. Meus dois primeiros estágios foram em pesquisa, eu queria algo mais prático. Agora estou trabalhando no Instituto Votorantim, no núcleo do Centro de Inteligência Social.

O que você faz?

Estou na área de inovação, mas vou migrar para uma área nova que vai surgir, de investimentos de impacto. A gente investe em *startups* de impacto socioambiental.

Você participou de mais alguma atividade extracurricular?

Particpei de um voluntariado da Fundação Dom Cabral, em mentoria para microempreendedores de Paraisópolis. Algumas mulheres, na pandemia, acabaram perdendo a fonte de renda, e começaram a produzir marmitas para entregar. Fui mentora de uma dessas mulheres. Era tudo on-line, por chamadas de WhatsApp. Participar desse projeto me deu a ideia de outra iniciativa, que agora estou desenvolvendo com alguns colegas da FEA e da Poli, um projeto social. Espero que saia no começo do próximo semestre.

Que matérias você teve em cada ano da faculdade?

O 1º ano é muito introdutório. Temos Introdução à Economia, que explica os principais conceitos, oferta e demanda, como definir preço. História Geral, em que a gente estuda a Idade Média. Tem Introdução à Contabilidade, Introdução à Macroeconomia e Cálculo, que é uma parte ferramental. No 2º ano a gente começa a aplicar o que aprendeu no 1º, gira em torno de Estatística. Tem Microeconomia, que estuda como as pessoas tomam decisões, como os preços são definidos, como as empresas tomam as decisões, e Macroeconomia, que trata da inflação, desemprego, taxa de câmbio, juros. Sempre com uma vertente de História, em que a gente se aprofunda na formação econômica e social do Brasil. No 3º ano começa um outro pilar muito importante, que é a Econometria. Basicamente a gente pega emprestado esse ferramental estatístico com todo esse conhecimento de História Econômica, de micro e macroeconomia, e começa a criar modelos para explicar qualquer coisa do mundo. Começam também a entrar mais eletivas.

Você fez eletivas em outros cursos?

Fiz em Relações Internacionais uma matéria focada em imigração, imigrantes e refugiados. Também fiz uma matéria no IME, Panoramas da Matemática, era muito lúdica, com vários experimentos, aulas sobre música, mágica, foi muito interessante. Fora da FEA foram só essas duas.

Qual é sua maior preocupação neste último ano da graduação?

Encontrar um trabalho que eu goste. No estágio estou muito feliz, o que me preocupa é que no estágio é muito fácil rescindir o contrato, mudar, procurar outro, mas agora vou me formar e a situação muda, as decisões têm um pouco mais de peso no campo profissional.

No Instituto Votorantim tem a possibilidade de efetivação?

Tem sim, penso bastante nisso e estou bem feliz de estar lá. Entrei na área de Inovação, e calhou de ter uma mudança. Fui para a área de Investimentos de Impacto. Como nunca gostei muito de Finanças, estou com receio, não sei como vai ser essa área. Espero gostar, mas não tenho certeza se é o que quero continuar fazendo. Mas acho que isso é normal, a maioria das pessoas se forma sem saber muito bem em que área irá atuar.

Você já escolheu o tema do seu TCC?

Preciso escolher até o final de maio. Estou com algumas ideias, algo atrelado ao meu trabalho atual em Investimentos de Impacto ou carbono, sustentabilidade, mas ainda estou em dúvida.

Como está o mercado de trabalho para o economista da FEA?

Muito bom. A nossa base é muito boa, então às vezes a gente esquece do quão privilegiados somos por estar nesta faculdade e ter esta profissão. A preocupação é trabalhar naquilo que você ama, mas opções não faltam, é um campo muito amplo. Todas as grandes empresas que trabalham com intersecção, com *business*, procuram alunos da FEA.

Você pretende continuar estudando?

Penso em fazer mestrado em Economia. Também tenho pensado em fazer uma pós na Europa, talvez na área de investimentos, inovação, investimento social.

Quais são as suas lembranças do tempo do Etapa?

Os meus amigos, ainda sou amiga do pessoal. Não tem como não lembrar das aulas, principalmente no terceiro, ficar o dia inteiro no colégio e só sair para tomar um cafezinho.

O que você diria para os nossos alunos que estão em dúvida na escolha da carreira?

Busque alguém para conversar. Se você não conhece ninguém do curso que você quer, procure no Facebook, entre no grupo da carreira, é muito fácil de encontrar. Chame alguém para conversar, com certeza vai ser fácil, porque todo universitário já passou por esse momento e está muito aberto para o diálogo. Acho que conversar com alguém que vive isso é o melhor jeito de saber como é o curso e a carreira.

CONTO

Pequetita Artur Azevedo

Como o Bandeira é positivista e não admite a vacina, o Coriolano, que é sobrinho do Bandeira e dirigido por ele, não quis que a Pequetita se vacinasse. Quando D. Isaura, sua esposa, lhe falou nisso, foi como se lhe propusesse uma vergonha.

– Pois tu conheces as minhas ideias e me propões semelhante coisa? Vacinar a Pequetita? Que diria o tio Bandeira?

D. Isaura, que tinha muito bom-senso, não costumava contrariar a vontade do marido: submetia-se resignadamente a quanto ele dizia. Por seu gosto a Pequetita se vacinaria; mas como o Coriolano era de opinião contrária, a Pequetita não seria vacinada. Ora aí está.

Mas veio a varíola, e o bairro em que morava o Coriolano foi o mais experimentado pela epidemia. O pobre-diabo via, aterrorizado, passarem todos os dias enterros de crianças da vizinhança, e tremia pela sorte da Pequetita.

Um dia em que o tio Bandeira lhe apareceu em casa, o Coriolano deu-lhe uma pequena investida em favor da vacinação, mas o positivista foi inflexível: lançou-lhe um olhar severo, pegou no chapéu e na bengala e disse:

– Se você me torna a falar em vacina, saio por aquela porta e nem o Teixeira Mendes será capaz de fazer com que eu aqui ponha mais os pés!...

– Bom, não se zangue, meu tio: já cá não está quem falou...

Entretanto, a epidemia aumentava cada vez mais, e o Coriolano, que andava inquieto e sobressaltado, um dia apanhou D. Isaura a jeito e fez-lhe ver os seus receios.

– Se não fosse o tio Bandeira.

– Mandarias vacinar a Pequetita?

– É exato.

– Entretanto, não te aconselho a que o faças sem lhe dizer francamente que tomaste essa resolução... Se lhe mentisses, ele não te perdoaria!

– O diabo! Se a Pequetita... Oh! nem disso me quero lembrar! Eu teria remorso toda a vida!

– Pois vai à casa do tio Bandeira, e dize-lhe com toda a ombridade que vais mandar vacinar a menina! Não és nenhuma criança nem nenhum idiota que se deixe governar pelos outros!

– Tens razão.

O Coriolano foi à casa do tio Bandeira, e voltou amargurado, com lágrimas nos olhos e na voz.

– Então?... falaste-lhe?... – perguntou D. Isaura.

– Não.

– Por quê?

– Encontrei-o morto!

– Morto?!

– De varíola hemorrágica! Foi atacado anteontem e hoje ao meio-dia era cadáver! E eu sem saber de nada! Pobre do Bandeira!...

E o Coriolano desatou em pranto.

Quando serenou, disse a D. Isaura:

– Amanhã, pela manhã... hoje mesmo, ser for possível, vacina-se a Pequetita.

– Não é preciso.

– Por quê?

– Porque a Pequetita há dois meses que está vacinada.

– Há dois meses?!

– Sim! Desde que começou a epidemia!

– E nada me disseste!

– Para quê? Para te zangares? Se fiz mal, Deus me perdoará porque fui levada pelo meu instinto de mãe.